

Coneglian, André Lopes; Neves, Maria Helena de Moura. *Laboratório de ensino de gramática*. São Paulo: Contexto, 2023.

Felipe de Andrade Constancio*

Maria Helena de Moura Neves (1931 – 2022) escreveu duas gramáticas de referência – Neves (2000) e Neves (2018) - no cenário das Letras brasileiras. Seu legado, como funcionalista, permanece vivo seja em trabalhos que adotam esse escopo teórico, seja em práticas docentes que adotam o ensino de gramática a partir dos usos que se fazem por intermédio da linguagem, isto é, como prática efetiva da língua em função.

Por mais de meio século, a autora exerceu a atividade docente e se dedicou às atividades acadêmicas com vigor e entusiasmo, o que se pode comprovar pela sua vasta produção no currículo da Plataforma Lattes¹. Sua produção bibliográfica, além de ser vasta, é consultada e citada em muitos trabalhos de cunho funcionalista. A homenagem feita neste trabalho, dentre as muitas já feitas, busca tão somente endossar a ideia de que Maria Helena de Moura Neves adotava uma postura coerente: os aspectos teóricos de sua obra dialogam efetivamente com a perspectiva do ensino.

1 A produção bibliográfica da autora pode ser encontrada em: <http://lattes.cnpq.br/7763723797874715>. Acesso em: 14 mar. 2024.

<https://doi.org/10.18364/rc.2025n68.1452>

* Prefeitura do Rio de Janeiro, felipe.lettras.ac@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9199-225X>

Em relação ao ensino de gramática, cumpre mencionar a produtividade de Neves nos seguintes aspectos: i) o diálogo constante das categorias da gramática em relação à sua ocorrência em textos; ii) a efetividade das práticas linguísticas como moldura para a configuração da gramática; iii) o uso da língua como prática social.

Dentre as muitas obras da autora, sempre há que se destacar o rigor frente ao arcabouço teórico do Funcionalismo Linguístico atrelado à tentativa (sempre consciente) de transpor conteúdos metodologicamente complexos ao âmbito da prática – ao tratamento funcional das categorias da língua no espaço escolar (no domínio pedagógico por meio da abordagem funcional das unidades gramaticais).

Na obra *Laboratório de ensino de gramática*, publicada em 2023 em parceria com André Lopes Coneglian, há o investimento potencial nos chamados processos de constituição dos enunciados (predicação, referenciação e junção) tal como são preconizados por Neves em outras obras de sua autoria. O livro deste *Laboratório* (entendido como obra de testagem para o ensino de gramática) é dividido em duas partes complementares – a teórica e a prática. Passemos a elas.

Na primeira parte da obra, os autores retomam os pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico para conceituar linguagem e gramática. A assertividade desses conceitos, sem sombra de dúvida, torna mais claro o objetivo pedagógico do texto, qual seja: assegurar pressupostos teóricos necessários à compreensão de que os procedimentos operados na e pela gramática estão incondicionalmente atrelados aos usos da linguagem.

No primeiro capítulo, os autores explicitam o tema a ser tratado (CONEGLIAN; NEVES, 2023, p. 20):

Assim, o “tema” de que vamos tratar neste livro é a gramática da língua portuguesa, que tem sua importância diretamente ligada com a vivência natural dos falantes que interagem ativando esse sistema, e, por isso mesmo, o que se vai levar em conta são, especialmente, os usos no Brasil.

Mas, também – com professores percorrendo este livro -, vamos tratar aqui da Gramática como “matéria” de estudo e de ensino (com maiúscula inicial, como “rótulo” de estudo, no programa escolar).

Operando com a distinção entre gramática (sistema linguístico) e Gramática (disciplina escolar), os autores investem na noção de que existem regras naturais que governam o sistema gramatical, a saber: na sucessão de elementos em sequência, existe o princípio da ordenação sintagmática; na escolha das unidades da língua, há o princípio paradigmático.

A adoção da abordagem paradigmática percorre a obra, na medida em que se concebem as escolhas linguísticas como parâmetro do que o usuário da língua seleciona para organizar seus textos (tanto orais quanto escritos). Dessa forma, fica evidente que o pressuposto teórico adotado é o funcionalismo de vertente britânica, cuja visão de sistema é essencialmente a de uma gramática de viés paradigmático, em que a seleção “das peças linguísticas” (CONEGLIAN; NEVES, 2023, p. 27) permite ao usuário a competência na organização textual-discursiva.

No segundo capítulo, lançam-se as bases para o ensino de gramática propriamente dito, já que os autores entendem a “gramática como cálculo de produção de sentido do enunciado” (CONEGLIAN; NEVES, 2023, p. 44). Dessa forma, o estudo da gramática vinculado à enunciação passa a ser o mote para o entendimento de que deve haver investimento nos enunciados da língua, entendidos como unidades produzidas em interação efetiva.

Portanto, a interface entre gramática e enunciado mostra-se bastante promissora na obra. Nessa perspectiva de ensino de gramática, o texto é peça chave para o ensino de língua, pelo fato de ser considerado “o todo de um enunciado” (CONEGLIAN; NEVES, 2023, p. 51) e pelo fato de constituir efetivamente os usos linguísticos.

A primeira parte da obra cumpre, com segurança teórica, o papel de delimitar que ensino de gramática pode (e deve) preencher o currículo da

escola básica, no ensino de Língua Portuguesa. Valendo-se da premissa de que esse ensino precisa priorizar as escolhas dos usuários para a organização de textos, os autores assumem que a gramática opera por meio de processos.

Ainda no final da primeira parte, assumem que “os processos de constituição do enunciado” é buscar o entendimento de como a linguagem se processa no uso” (CONEGLIAN; NEVES, 2023, p. 52). Sendo assim, sugerem que um ensino mais produtivo com as unidades da língua seja pautado na explicitação de como esses processos são construídos por intermédio dos enunciados linguísticos.

A segunda parte do *Laboratório de ensino de gramática* é dedicada aos processos de constituição do enunciado (predicação, referenciação e conexão). No processo de predicação, entende-se que deve haver a interface sintático-semântica para compreensão de que há papéis semânticos na designação do estado de coisa propiciado pelos verbos.

Segundo os autores, além de possuir uma estrutural argumental (constituída, geralmente, de sujeito e de complementos), os verbos são dotados de especificidades pragmáticas (aquelas atreladas aos usos linguísticos). Nesse sentido, o sujeito (que assume a função pragmática de tema da oração) e o predicado (que assume a feição de comentário do enunciado) são entendidos como constituintes de um processo enunciativo e pragmático, em que se concebe o verbo em seus variados usos: nos exemplos “Eu **rasguei** o papel.” / “O papel **rasgou**.” (CONEGLIAN; NEVES, 2023, p. 72-73), os autores apontam papéis semânticos de “agente” e de “afetado” para as predicações do verbo “rasgar”.

No processo de referenciação, usam-se as categorias pronominais como mote para defender a noção de que “todo texto monta uma rede referencial” (CONEGLIAN; NEVES, 2023, p. 96). Desse modo, a sintaxe é utilizada para ordenar os processos de referencial, nos quais os referentes são arranjados a partir do seu papel discursivo e pragmático na organização dos enunciados.

Utilizando-se do exemplo “Impressionado com a tristeza e o isolamento de **Zé Luís**, Cesário acercou-se **dele**” (CONEGLIAN; NEVES, 2023, p. 100), os autores apontam que o texto, por meio de seus múltiplos processos de adição de referentes, opera com uma “infinidade de retomadas referenciais necessárias”. Sendo assim, o processo da referenciação, assim como o processo da predicação, deve ser compreendido por intermédio das estruturas sintáticas (centradas no sintagma nominal) e das operações pragmáticas (centradas no uso e na construção da referencialidade textual).

O processo de conexão (ou de junção, conforme sugerem os autores) é concebido no nível da oração (articulação de orações) e no nível da coesão textual, entendida como “conexão semântica que se estabelece entre os diversos tipos e os diversos níveis de segmentos, compondo um ‘texto’” (CONEGLIAN; NEVES, 2023, p. 118). Na obra, há investimento na ideia de que os enunciados são organizados ora pela coordenação, ora pela subordinação, o que implica dizer que existem mecanismos de junção operados pelas chamadas conjunções coordenativas e subordinativas.

Nos exemplos “Bem, bem, já a deixo em paz. Até amanhã. Procure dormir. **E** saiu.” e “**Se** você disser mais uma palavra, fica sem janta.” (CONEGLIAN; NEVES, 2023, p. 119-122), mencionam-se os mecanismos de junção, operados pelos conectores “e” e “se” e necessários ao processo da progressão textual. Para os autores, o “tecido” textual vai se compondo por meio das junções que mantêm, além da noção de sequencialidade, a organização informativa do texto.

Por fim, cabe salientar que a obra é constituída de elementos paratextuais – atividades, glossário e bibliografia comentada - que auxiliam o leitor na construção de arcabouço teórico e prático acerca do ensino de gramática. Ao longo dos capítulos e ao final da obra, há, portanto, uma série de sugestões para que o professor (sobretudo, o da escola básica) construa métodos para o ensino produtivo e aplicado da gramática em sala.

Laboratório de ensino de gramática é o último livro escrito por Maria Helena de Moura Neves. Nele, o professor encontra a mesma voz coerente da

autora, que, durante uma longa vida dedicada ao magistério, sempre se (pre) ocupou com questões atreladas ao ensino de Língua Portuguesa. Noticiar a publicação deste livro permite-nos homenagear a grande mestra e divulgar a sua contribuição incansável em torno de pesquisas e de obras voltadas ao ensino de gramática.

Referências

CONEGLIAN, André Lopes; NEVES, Maria Helena de Moura. **Laboratório de ensino de gramática**. São Paulo: Contexto, 2023.

_____. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora da UNESP, 2018.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.